

JUNIOR, Carlos Lima; SCHWARCZ, Lilia; e STUMPF, Lúcia (2022). *O sequestro da Independência: Uma história da construção do mito do sete de setembro*. São Paulo: Companhia das Letras, 378 pp., ISBN: 978-65-5921-163-0.

Confrontados com a chegada do bicentenário da independência do Brasil, os historiadores e professores da Universidade de São Paulo Carlos Lima Jr., Lilia Schwarcz e Lúcia Stumpf reagiram com *O sequestro da Independência: Uma história da construção do mito do sete de setembro*, lançado em agosto de 2022 pela Companhia das Letras. Situada como uma verdadeira resposta histórica a tempos de polarização política, de ascensão de nacionalismos e de idealização do processo de independência do Brasil, a obra apresenta uma leitura inovadora, ainda que em conformidade com as interpretações mais recentes, deste processo da independência. Entretanto, a narrativa diferencia-se dos demais relatos e investigações sobre o fenômeno da independência do Brasil pois esta não é a personagem principal por si. Por meio da análise das imagens e das diferentes crônicas da independência, é construída a história do seu sequestro.

A própria imagem da capa, encomendada especificamente para o livro, é analisada antes de mais nada. A pintura de imagens turvas, cuja tinta parece escorrer quadro abaixo, é explicada como uma releitura de *Independência ou Morte!*, a tela de Pedro Américo que foi feita de retrato oficial da independência, e, por meio de uma breve explicação sobre a imagem da capa, os autores também nos levam ao objetivo do seu livro: desafiar a construção oficial do processo de independência do Brasil.

O sequestro da Independência está dividido em introdução, seis capítulos e dois apêndices, elaborados como uma conclusão e um pós-escrito. Ainda que o livro comece pela análise da imagem da capa, a “Introdução, ou quando uma nação se imagina a partir de um quadro”, resgata a caracterização anteriormente mencionada pelo pequeno prólogo para, de facto, introduzir o assunto do sequestro. O quadro de Pedro Américo é novamente convocado, juntamente com o hino nacional brasileiro, ao imaginário do leitor, principiando assim a desconstrução dos símbolos oficiais da independência. Coerente com as especializações dos respetivos autores, que são também uma antropóloga e dois historiadores da arte, a introdução dita o ritmo do livro por meio da análise de algumas imagens da família imperial brasileira e da comparação de *Independência ou Morte!* com outras telas emblemáticas na geção da identidade nacional de outros países. Por trás das telas, é tecida uma

análise dos primeiros anos do fenômeno independentista, período vital para a construção de uma identidade brasileira e, conseqüentemente, para a instituição de uma historiografia nacional e oficial, aquela que continuamente sequestra a independência.

Os dois primeiros capítulos, intitulados “François-René Moreaux: a Independência do Brasil ocorreu na Europa” e “Pedro Américo e a criação de uma pintura que grita!”, continuam nos moldes da análise da arte sob uma perspectiva comparada e que tem como pano de fundo diferentes momentos históricos. Em ambos os capítulos, são contadas as histórias por trás da concepção das telas, ambas encomendadas como pinturas de gênero histórico. Moreaux e Américo são humanizados e transformados em atores históricos, num mecanismo que ajuda o leitor a perceber a arte como interpretação do artista e fruto de seu tempo, e não como verdade histórica e absoluta.

Segundo os autores, o fracasso de Moreaux e da sua tela *Proclamação da Independência*, estudada ao longo do primeiro capítulo, acabou por deixar uma importante lacuna na construção identitária imperial, preenchida mais de 40 anos depois por Pedro Américo, cuja obra, que se tornou representação histórica de D. Pedro I do Brasil e da proclamação da independência, é analisada mais a fundo na segunda parte. Como um artista da corte de D. Pedro II, Américo foi capaz de criar a idealização que o imperador buscava impor, superando Moreaux não só na técnica, mas especialmente na leitura histórico-política que fez do momento da independência. Entretanto, a República foi proclamada apenas um ano depois do termo do projeto, e, assim como é recontado o percurso de insucesso da pintura de Moreaux, é contada também a difícil trajetória inicial da tela de Américo, esquecida em face da sua atual fama.

Numa espécie de defesa deste personagem complicado que é Pedro Américo, os autores também argumentam que a crítica ao significado de *Independência ou Morte!* é mal direcionada ao pintor, pois este escreveu e publicou um diário em que diferenciou a realidade que encontrou nas suas pesquisas da que construiu na sua pintura histórica. Além do mais, esta é uma história de apropriação, e não foi Pedro Américo em si quem ignorou a realidade a favor da imagem, mas sim a família imperial, que, como explicam os autores, tomou como sua a independência do Brasil.

“A quem pertence o ‘brado retumbante’? São Paulo e Rio de Janeiro na disputa pelo Centenário da Independência” é o terceiro capítulo da obra e possivelmente um dos mais instigantes. Nesta parte, Lima Jr., Schwarcz e Stumpf transportam o leitor para as celebrações do sete de setembro de 1922 e continuam a desestruturar qualquer noção da independência como a conhecemos e como existe na historiografia oficial. A narrativa explora a

procura por uma identidade nacional republicana e marca o momento do centenário como palco de uma querela pela independência. De um lado, a capital apropria-se dos festejos do sete de setembro e tenta utilizá-los como um símbolo republicano e como uma expressão de unidade num momento político turbulento. Do outro, São Paulo evoca a imagem das margens do Ipiranga e inaugura o Museu Paulista, numa tentativa de transformar a independência do país em parte da identidade local. Mas, de acordo com os autores, as tentativas não substituíram o imaginário da população, muito enraizado na lógica imperial, e os novos sequestros não conseguiram, nem no Rio, nem em São Paulo, romper com o original.

O quarto capítulo do livro, “O ‘imperador defunto’: os 150 anos da Independência durante os anos de chumbo da ditadura militar”, segue os mesmos moldes do terceiro, mas agora situado em 1972. Os autores argumentam que a produção artística e literária do centenário foi substituída por um novo tipo de propaganda, concebida durante o período mais sombrio do regime e apostada em legitimá-lo. Naquele sete de setembro, dizem os três historiadores, o governo militar foi tratado, por meio de campanhas publicitárias, discursos, imagens e frases de efeito, como uma continuação do governo imperial, numa comemoração que transpôs 1822 e 1964. Destaca-se o retorno do corpo de D. Pedro I, antes enterrado em Portugal, para a celebração, num rapto físico da narrativa da independência.

Em “Ecos do Grito: as muitas (re)leituras de um quadro”, Lima Jr., Schwarcz e Stumpf retomam a obra de Pedro Américo no sentido de entender o seu atual significado. Num primeiro momento, são analisadas diversas paródias do grito do Ipiranga, provando o impacto simbólico do quadro sobre a sociedade dos dias de hoje. Numa segunda parte deste quinto capítulo, os autores exploram mais arte inspirada pela tela de Pedro Américo, desta vez observando a sua presença em diferentes contextos e locais e o fenómeno de transferência de questões atuais aos moldes de *Independência ou Morte!*. Em alguns casos, nem Moreaux escapa das releituras. E, como alegam os autores, o conteúdo da obra de Américo torna-se maleável, assim abrindo espaço para diferentes significados e interpretações.

No sexto e último capítulo, “As várias independências do Brasil”, são exploradas algumas dessas novas interpretações, não só sobre o quadro, mas sobre a narrativa histórica da independência em si. Mais uma vez, os autores desafiam a historiografia oficial e, neste capítulo, apresentam alternativas a ela, destacando a participação de novos atores. Numa análise de extrema importância, riquíssima em termos de produção historiográfica, é contada a história da independência do Brasil para além de D. Pedro às margens do Ipi-

ranga, a partir de outros lugares e de outras personagens. Fala-se das revoltas a norte e a nordeste e dos projetos abolicionistas e republicanos que a independência travou, fala-se da guerra a seguir ao grito e fala-se das mulheres, dos escravizados e dos indígenas que lutaram nela. Aqui, Lima Jr., Schwarcz e Stumpf escrevem história local e incorporam-na nos cânones da história nacional, escancarando as portas da prisão da independência.

As conclusões da obra são divididas em duas partes. Em “Para terminar: Lembrar é esquecer”, é tecida uma reflexão de cariz um pouco mais teórico, em que a relação entre história e memória explica a formulação e a instrumentalização das diferentes interpretações, oficiais e extra oficiais, do processo histórico da independência. Até a data de sete de setembro, escolhida apenas em 1826 como marco da independência, é questionada, e *Independência ou Morte!* acaba por ser apresentada como uma projeção, de múltiplos significados e valores simbólicos. Já o “Pós-escrito: Passado do presente. O Sete de Setembro em 2022” surge como um exemplo prático da instrumentalização da memória independentista. Nele, os autores trabalham o contexto político em que estiveram inseridos em setembro de 2021, refletem sobre as possibilidades de 2022 e expõem a tentativa de sequestro da independência por parte do então presidente Jair Bolsonaro.

Por fim, conclui-se que a “Independência é processo aberto, e não data fixa no calendário” (p. 311). De leitura fácil, *O sequestro da Independência* propõe não só uma descrição historiográfica apoiada na análise artística e aproximada de um ideal de História total do processo de independência do Brasil, mas também uma desconstrução completa do fenómeno como o conhecemos. Através da defesa encetada neste livro pelos três historiadores, a independência conquista a libertação do cárcere ideológico, ao menos no imaginário de quem lê. Assim sendo, é uma leitura indispensável.

JÚLIA RESENDE DE PAOLI

Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras

julia.depaoli.uni@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0009-1064-6941>

